

Eu e TuAnthony Browne (*texto e ilustrações*)

Caminho, 2010

ISBN – 978-972-21-2090-6

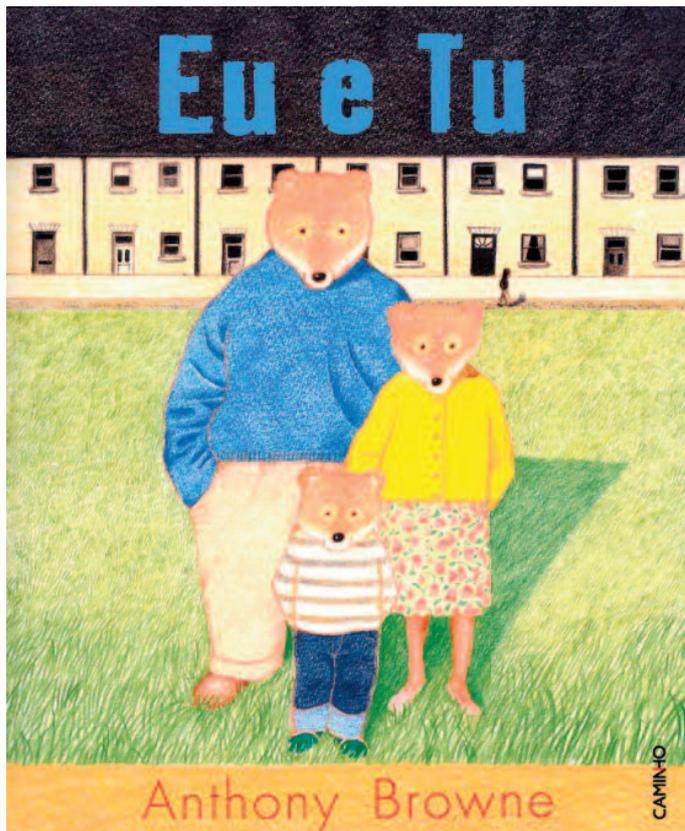
Leitores medianos, leitores autónomos

Eu e Tu é uma das mais recentes obras de Anthony Browne (Sheffield, Inglaterra, 1946), reconhecidíssimo criador inglês, com mais de 40 títulos editados e galardoado, em 2000, com o Prémio Hans Christian Andersen de Ilustração, um ilustrador a quem, aliás, *Malasartes* concedeu já especial atenção (releia-se o ensaio sobre este autor escrito por António Modesto e publicado no N.º 6 – setembro de 2001 – desta revista).

Proporcionando uma leitura muito estimulante, este álbum narrativo oferece um reencontro com o estilo do seu autor tanto ao nível da vertente verbopictórica, como no que diz respeito à sua propensão para o tratamento de temáticas “desconfortáveis” (emergentes, em certa medida), a partir, por exemplo, da recuperação alusiva de narrativas clássicas. Se, em 1981, o ponto de partida foi *Hansel e Gretel*, reelaboração artística à qual se seguiram, por exemplo, *Alice no País das Maravilhas* (1988), ou *Pela Floresta* (2004), narrativa em formato de álbum no qual se observa uma “reconversão” da história clássica da Menina do Capuchinho Vermelho, em *Eu e Tu*, a presença do conto tradicional da menina dos caracóis de ouro e dos três ursos (narrativa originalmente registada por Robert Southey, em 1837) funciona como matriz intertextual.

Em *Eu e Tu*, Anthony Browne retoma o esquema atancial do texto tradicional e reconta a história de três Ursos, agora também personificados com pormenor, que veem a sua casa invadida por uma menina. A esta o artista adiciona alguns detalhes contemporâneos, como o facto desta família de Ursos viver numa casa e não numa cabana ou do pai Urso e da mãe Urso trabalharem. A recriação de espaços físicos substancialmente diferentes, uns associados à família de Ursos e outros à menina, espelha também uma certa atualização dos cenários – veja-se, por exemplo, os grafittis presentes na rua percorrida pela menina –, além de tornar evidente a desigualdade social entre as figuras e de acentuarem a dualidade de vidas aqui ficcionalizadas.

Na verdade, desde o início, esta narrativa verbopictórica de Anthony Browne biparte-se, como, aliás, dão conta quer o título, quer a oscilação cromática, quer, ainda, a disposição/repartição do texto ora na página par, ora na página ímpar. Mas, aparentemente distintas e distantes, as duas histórias encontram-se no momento intermédio do relato, tor-



nando, assim, evidente uma arquitetura simultaneamente complexa e surpreendente que, em parte e num momento particular, respeita o esquema narrativo repetitivo do conto tradicional. O próprio narrador e o seu estatuto – note-se que o *Eu e o Tu*, anunciados pelo título, são o filho da família dos Ursos e uma menina que se distancia da mãe para perseguir um balão, respetivamente – repercute-se na coexistência de duas histórias de vida: uma a quem é concedida voz e é contada na primeira pessoa (“Esta é a nossa casa.”) e outra vivida silenciosamente.

Pormenores como a cor dourada do cabelo da protagonista da “narrativa de segundo nível” (se assim a poderemos considerar...), contrastando com o cenário cinzento, com contornos realistas, onde esta se movimenta, denunciam uma espécie de paradoxo desconcertante que, quanto a nós, reside na ideia de “infância dourada” que, na verdade, nada tem de brilhante. Mesmo a representação da postura das personagens da “narrativa principal/de primeiro nível”, protagonizada pela família de Ursos, e das que participam na “segunda narrativa” (no primeiro caso, predominantemente de frente, com um aspeto solar e, em contrapartida, no segundo, quase sempre de lado e de costas, com um aspeto “noturno”) espelham a sua posição, as suas vivências e as suas emoções, a vários títulos, divergentes. Além disso, nota-se o recurso a uma técnica visual visivelmente

diferente: no caso da “narrativa de primeiro nível”, talvez mais convencional, o autor optou pelas ilustrações aparentemente compostas a lápis de cor; já na “narrativa de segundo nível”, introduz marcas da narrativa fílmica ou cinematográfica, uma película muda, dominada pelo silêncio, e ilustra a preto e branco. Esta alternância cromática, associada ao jogo de volumes e de traços, que resultam em texturas diversas, é, ainda, muito relevante do ponto de vista da orientação do percurso de leitura.

Estas – e outras – estratégias de construção narrativa, e especial, de narrativa visual, servem, em última instância, o processo de contemporaneização ou de ligação ao quotidiano que caracteriza o volume em análise, colocando em evidência uma construção que, em certa medida, representa um contraponto à conhecida narrativa tradicional.

A temática da família, aliás, já ficcionalizada, por exemplo, em *A Família dos Porquinhos*, *O Meu Pai* e *A Minha Mãe*, obras também disponíveis no mercado livreiro português, associada a questões como a alimentação, a condição infantil ou a constrangedora e expressivamente tratada oposição abundância vs. parcimónia perpassam toda a narrativa, promovendo o questionamento do presente em face do passado e, indiretamente, a vida citadina e a vida campestre. Note-se, por exemplo, que as aparentemente pacíficas união e atenção familiares da “narrativa de primeiro nível” aparecem, de forma subtil, contrariadas durante o passeio no parque, em concreto pelo diálogo adultos/parentais e pelas brincadeiras “por conta e risco” do pequeno Urso.

Não deixa de ser surpreendente e significativa a opção paradoxal por personagens animais para a narrativa dominada por temáticas como a união familiar e acompanhamento infantil (pelo humanismo) e por personagens humanas quando se ficcionalizam tópicos como a solidão e a desatenção (pontual, aparente ou real) dos adultos em relação às crianças. Parece, assim, problematizar-se implicitamente a desumanidade dos humanos, “fotografia” da qual não se pretende esconder o “negativo” imponderável daquilo que se afigura como a humanidade dos animais. Anthony Browne deixa escapar no seu discurso verbo-icónico uma ironia especial que parece decorrer de uma vivência amarga e de uma observação desencantada (realista?) da sociedade contemporânea e, neste caso concreto, da própria infância, vivida diferentemente e condicionada por acentuadas desigualdades sociais e familiares. Trata-se, com efeito, de uma das singularidades da criação artística do autor, como assume o próprio em entrevista concedida à revista *Imaginaria* e disponível *online* em . Aspetos como a recriação visual

de certos pormenores arquitetónicos dos cenários recriados visualmente, como mencionámos, de certos elementos decorativos (a louça na casa dos Ursos, por exemplo) ou, mesmo, as implicações semânticas da dedicatória “Para todos os perdedores”, mensagem de esperança e de otimismo, que poderá tranquilizar um determinado tipo de leitores, possibilitam a inscrição de *Eu e Tu* no universo de uma arte que não perde de vista o quotidiano presente e não se alheia do real.

Eu e Tu, substantivando, uma vez mais, o génio e o espírito de Anthony Browne, parece exemplificar a posição comprometida deste autor que não tem hesitado em criticar através da sua arte algumas situações e atitudes comuns na sociedade atual. A leitura desta obra forte, estimulando uma reflexão que exige o “cruzamento” de elementos do âmbito sócio-cultural, ideológico ou até da psicologia, prova (como poucas) a “fragilidade das fronteiras” entre aquilo que é lido pelas crianças e aquilo que é lido pelos adultos. SARA REIS DA SILVA [UNIVERSIDADE DO MINHO]

No País das Letras

Francisco Vaz da Silva (*texto e ilustrações*)

Edições Afrontamento, 2010

ISBN – 978-972-36-1115-1

Leitores medianos, leitores autónomos

Com texto e ilustrações de Francisco Vaz da Silva, autor também de *História de uma Gota de Água* (Afrontamento, 1979; 3ª ed. – 2011), *No País das Letras*, título ao qual se junta o parêntesis «(ou as histórias que a minha avó me contava)», revela um percurso de conhecimento da literatura e dos livros que resulta na expressão singular de um amor à palavra ou às letras.

